

# **Depois da Chuva -mulheres negras e carnaval no sul do Brasil<sup>1</sup>**

**Beatriz Ana Loner (Brasil)**

Professora Dr<sup>a</sup> - Departamento de História e Antropologia  
Universidade Federal de Pelotas

**Denise Marcos Bussoletti (Brasil)**

Professora Dr<sup>a</sup> - Departamento de Fundamentos da  
Educação

Universidade Federal de Pelotas

**Lorena Almeida Gill (Brasil)**

Professora Dr<sup>a</sup> - Departamento de História e Antropologia  
Universidade Federal de Pelotas

## **Introdução**

No campo da História Oral, novas práticas de tratamento das fontes orais e visuais estão sendo atualmente consolidadas. Essas novas possibilidades de escrita da história trouxeram a videografia como uma metodologia que possibilita um espaço importante de questionamento e de renovação das práticas historiográficas em curso.

Acredita-se que, é no território das imagens, que a fisionomia<sup>2</sup> de uma época e os detalhes de uma cultura podem ser recuperados e expressos em “imagens dialéticas”, na conceituação de Walter Benjamin. Nessa perspectiva as imagens não indicam relações do presente com passado, ou do passado com o presente, de forma temporal e contínua. Uma imagem enquanto “imagem autêntica” salta e produz o que pode ser compreendido como “despertar”.

Na matriz da proposta desse trabalho encontra-se uma necessidade de buscar uma “outra” e possível escrita da história da cidade de Pelotas. O caráter de “ensaio videográfico” assumido, resguarda por um lado uma perspectiva de maior liberdade e por outro, de igual responsabilidade, uma perspectiva ética e estética, teórica e metodológica. Para Benjamin, “escrever a história significa dar às datas a sua fisionomia” (BENJAMIN, 2006: 518). A fisionomia é na perspectiva benjaminiana uma representação da história, um “rosto”. Neste ensaio, elegemos assim, um rosto, o rosto de identidades negras que também se afirmam como mulheres. Mulheres negras, portanto, reforçando através do espaço cultural, que o carnaval significa formas diferenciadas de oposição à dominação branca e masculina.

## **Os Clubes Carnavalescos Negros em Pelotas**

---

<sup>1</sup> Este trabalho origina-se da pesquisa desenvolvida pelo Núcleo de Documentação Histórica, entre os anos de 2005 e 2006.

<sup>2</sup> Este conceito de fisionomia, enquanto elemento fundamental da proposta de historiografia benjaminiana pode ser também compreendido através de Bolle, quando afirma que: “Genericamente falando, a fisionomia benjaminiana é uma espécie de “especulação” das imagens no sentido etimológico da palavra: um exame minucioso de imagens prenhes de história. Ela tem sua razão-de-ser na especificidade de seu pensamento, que se articula não tanto por meio de conceitos e sim de imagens. A “imagem” é a categoria central da teoria benjaminiana da cultura: “alegoria”, “imagem arcaica”, “imagem de desejo”, “fantasmagoria”, “imagem onírica”, “imagem de pensamento”, “imagem dialética”...(BOLLE, 2000: 42-3)

Os negros foram levados a Pelotas (RS) para trabalhar como escravos, nas charqueadas, que constituíam a principal produção econômica da região. Na última década do Império brasileiro, os escravos representavam cerca de 6.000 pessoas no município<sup>3</sup>. Com a Abolição da escravidão e a constituição da República muitos deles permaneceram na região, desenvolvendo as mesmas atividades que anteriormente nas charqueadas e também se empregando em fábricas, na construção civil e nos trabalhos do porto. Praticamente eles eram encontrados em todo o tipo de trabalho manual, especialmente naqueles mais árduos e estafantes.

A sua concentração em Pelotas, devido à atividade charqueadora, fará com que o contingente de trabalhadores negros seja o maior grupo em disponibilidade para trabalhos braçais na cidade.

Como a cidade de Pelotas era e ainda é conservadora e com poucas possibilidades de ascensão social – apesar de ter um vasto aparato escolar, que hoje inclui três universidades e várias faculdades – os membros da comunidade negra pelotense enfrentaram muito preconceito e discriminação, tentando reagir de forma a congregar-se em associações e ocupar o espaço que já era deles, do trabalhador especializado ou não, na cidade. Com isso, para o final do século XIX e início do XX, eles formaram uma rede associativa negra, talvez a mais importante do estado, que serviu para protegê-los e guiá-los em sua busca pela integração social. A partir dos anos 20, eles deram predominância a criação de clubes e cordões carnavalescos, dos quais os mais importantes foram o *Depois da Chuva*, o *Fica Ai para ir Dizendo* e o *Chove não Molha*, os quais estiveram atuantes pelo menos até o final dos anos de 1970.

O primeiro desses clubes carnavalescos de nova geração, o *Depois da Chuva*, nasceu em 1917 e já em 1929 estava inaugurando sua sede própria, em zona central da cidade. Essa associação manteve atividades até meados da década de 80, estando atualmente seu patrimônio invadido por um posseiro urbano e tendo desaparecido seus principais documentos. Foi inicialmente apelidado de clube dos “cisqueiros”, pois era próximo a um depósito de lixo da prefeitura. Posteriormente, com a maior urbanização do local, passou a ser o clube da zona da “Cerquinha”.

Nas décadas de 1920 e 1930, os cordões carnavalescos dominaram o carnaval de rua da cidade, sendo que entre os cinco principais cordões, quatro eram negros, contendo os três relacionados acima. Na década de 1940, com os problemas decorrentes da 2ª. Guerra Mundial, o carnaval em Pelotas retraiu-se para dentro dos clubes, mas nos anos 50 recuperou seu título de mais importante e forte festa do interior do estado gaúcho, com a continuidade dos cordões e dos blocos de bichos (Bloco da Girafa da Cerquinha, do Dromedário, do Camelo, etc.) e com o surgimento das escolas de Samba, entre as quais a General Telles e a Academia do Samba.

### **Mulheres e o carnaval: trajetórias de festa e das solidariedades possíveis**

Tanto nos cordões, quanto nos clubes e nas escolas de samba, as mulheres sempre tiveram posição de destaque em termos de organização do grupo. Não ocupavam a diretoria das entidades, cujos cargos eram preenchidos preferencialmente por homens,

---

<sup>3</sup> Em 1814 havia 64,11% de escravos e libertos dentre a população de Pelotas. Em 1891, eles representavam 30,7% do total.

mas se envolviam em inúmeras atividades, relacionadas a manter o grupo coeso, resistindo à discriminação.

No ano de 2006 foi apresentada comunicação sobre os clubes carnavalescos negros em Pelotas, além de toda a rede associativa implementada por este grupo.

Neste ano a nossa idéia é mostrar, através de um documentário, a trajetória de vida de algumas destas mulheres, que muito além de organizarem festas para arrecadar fundos – o que era muito importante – desenvolveram laços de solidariedade social, capazes de criar uma consciência pronunciada de identidade. Além disso, envolvidas em possibilidades abertas com um governo federal que procura valorizar nossas origens não brancas, estão sendo construídas novas atividades culturais, no sentido da revalorização da cultura negra. Isso também provoca um forte impacto sobre a vida destas mulheres, geralmente trabalhadoras humildes, que agora passam a função de depositárias oficiais das tradições do grupo.

### **Referências bibliográficas**

BENJAMIN, W. *Passagens*. Belo Horizonte. Editora UFMG: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

BOLLE, W. *Fisiognomia da Metrópole Moderna: Representação da História em Walter Benjamin*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

LONER, Beatriz. Negros: organização e luta em Pelotas. *História em Revista*. Vol. 5, dezembro de 1999, p. 7-27.

LONER, Beatriz e GILL, Lorena. Historias y Memórias sobre los clubes carnavalescos negros de Pelotas (RS), Brasil. In: *Historia, Voces y memorias*. 2. Buenos Aires: El Coletivo, 2008, p. 95-109.